ASSEMBLEIA NACIONAL

Voto de Pesar n.º 2/XI/2026

Sumário: Voto de pesar pelo falecimento da ex-Deputada da Nação e Jornalista Filomena Silva.

Foi com profunda tristeza que Cabo Verde recebeu a notícia do falecimento da jornalista Filomena Silva, conhecida entre colegas, amigos e leitores por Filó.

Com o seu desaparecimento, o jornalismo cabo-verdiano perde uma das figuras que mais contribuíram para dar corpo, voz e coragem à liberdade de imprensa no período que se seguiu à abertura democrática. Perde uma profissional que não se limitou a defender essa liberdade nos discursos: exerceu-a, enfrentou as suas dificuldades e assumiu os riscos que dela decorrem.

Filomena Silva iniciou o percurso profissional no Jornal Voz di Povo, um dos principais órgãos da imprensa cabo-verdiana no período anterior ao pluralismo político. Mais tarde, transitou para o setor privado e tomou-se uma das figuras centrais do semanário A Semana.

Durante cerca de duas décadas, esteve à frente de uma publicação que marcou profundamente o espaço público cabo-verdiano. Nos primeiros anos da democracia, quando as instituições aprendiam a conviver com o contraditório e a fiscalização do poder, A Semana afirmou-se como uma voz influente, incómoda e necessária.

As suas manchetes provocaram reações. As reportagens suscitaram debates. As escolhas editoriais levaram o jornal e a sua diretora aos tribunais em diversas ocasiões. Filomena Silva conheceu, por isso, o preço concreto da liberdade de informar.

É facto que nunca foi uma figura consensual e nunca foi sua intenção o ser. Era frontal, exigente e pouco disposta a ceder perante pressões. Essa forma de estar gerou discordâncias, mas também respeito. Num país pequeno, onde as relações pessoais, familiares, políticas e económicas atravessam facilmente as redações, preservar a distância necessária ao exercício do jornalismo nunca foi simples.

Foi igualmente uma formadora de profissionais. Muitos jornalistas, editores e fotojornalistas que passaram pela redação de A Semana recordam aquele espaço como uma verdadeira escola. Sob a sua direção, aprenderam a procurar documentos, a confrontar versões, a questionar comunicados oficiais e a tratar a notícia como um serviço prestado aos cidadãos, não como um favor concedido às fontes.

Para além da sua dedicação ao jornal A Semana e ao combate pela imprensa livre, ela ainda esteve ligada à Associação dos Jornalistas de Cabo Verde.

O seu contributo não ficou pela luta de liberdade de imprensa. Filomena Silva percebeu cedo que

A2026/S1/BO111/34214 | Voto de Pesar n.º 2/XI/2026

o futuro da imprensa cabo-verdiana também dependia da capacidade de acompanhar a transformação tecnológica. Em 2003, durante a sua direção, A Semana lançou a edição digital, ultrapassando parte das dificuldades de distribuição entre as ilhas e reforçando a ligação com a diáspora.

Promoveu estudos sobre as audiências do jornal, acompanhou o crescimento das redes sociais e procurou adaptar a publicação às novas formas de produção e consumo da informação. Foi, ao mesmo tempo, uma mulher de resistência e uma dirigente com visão de futuro.

Mesmo depois de deixar a direção de A Semana, por razões de saúde, continuou a ser uma referência no debate público sobre a comunicação social. Manteve a preocupação com a qualidade do jornalismo, a independência das redações, a investigação, a literacia mediática, a regulação do setor e as condições materiais necessárias ao exercício de uma imprensa livre.

Na sua última intervenção pública conhecida sobre o estado do jornalismo cabo-verdiano, em 2024, alertou para a redução da ambição profissional, para a crescente dependência de conteúdos produzidos pelos gabinetes de comunicação e para a perda de intermediação jornalística num espaço público cada vez mais dominado pelas redes sociais.

Defendeu uma aposta renovada no jornalismo de investigação, uma regulação mais eficaz e uma nova agenda para o financiamento da comunicação social. Denunciou ainda a cultura de secretismo que continua a limitar o acesso dos jornalistas à informação produzida pela Administração Pública.

Estas preocupações permanecem atuais. Recordar Filomena Silva não é, portanto, apenas revisitar uma página importante da história da imprensa cabo-verdiana. É interrogar-nos sobre o jornalismo que queremos preservar e sobre a democracia que desejamos continuar a construir.

Para além da dedicação ao jornalismo, Filomena Silva foi também deputada da nação, integrando, como independente, as listas do PAICV às primeiras eleições legislativas multipartidárias de 1991, vindo posteriormente a exercer funções parlamentares na IV Legislatura. A sua passagem pelo Parlamento ficou marcada pela defesa da liberdade de imprensa, tendo-se destacado, segundo testemunhos da época, na primeira interpelação ao Governo sobre esta matéria em Cabo Verde.

Com ela desaparece uma testemunha privilegiada da passagem da imprensa do regime de partido único para o pluralismo, das primeiras tensões da democracia, das batalhas judiciais pela liberdade de informar e da transformação tecnológica que aproximou os jornais das comunidades cabo-verdianas emigradas.

Ficam a obra, o exemplo e a memória. Ficam os profissionais que ajudou a formar, as perguntas que fez e as notícias que alguém preferiria que não tivessem sido publicadas.

A2026/S1/BO111/34214 | Voto de Pesar n.º 2/XI/2026

As homenagens póstumas correm, por vezes, o risco de apagar as contradições das pessoas para construir retratos convenientes. Filomena Silva não precisa disso. O seu legado não depende de ter estado sempre certa nem de todos terem concordado com as suas opções editoriais. Depende da seriedade com que assumiu o jornalismo como responsabilidade pública e instrumento de cidadania.

Num tempo em que a informação circula com enorme velocidade, mas nem sempre com rigor; em que o jornalismo enfrenta fragilidades económicas e novas formas de pressão; e em que as fronteiras entre notícia, propaganda e comunicação institucional se tornam cada vez menos nítidas, o percurso de Filomena Silva conserva uma força particular.

A melhor homenagem que lhe podemos prestar está na defesa, hoje e sempre, da autonomia das redações, na proteção dos jornalistas e na criação de condições para que possam investigar, questionar e publicar informações de interesse público sem medo de represálias.

Assim, a Assembleia Nacional manifesta o seu profundo pesar pelo falecimento de Filomena Silva e reconhece o seu contributo para o jornalismo, para a liberdade de imprensa e para a consolidação da democracia cabo-verdiana.

À família enlutada, aos amigos, aos antigos colegas de trabalho, ao jornal A Semana e a toda a classe jornalística cabo-verdiana, endereçamos as mais sentidas condolências.

Que a memória de Filomena Silva permaneça como exemplo de coragem, exigência e compromisso com a liberdade.

Assembleia Nacional, aos 9 de outubro de 2026.

Publique-se.

O Presidente da Assembleia Nacional, em exercício, *Adilson da Graça Jesus.*

A2026/S1/BO111/34214 | Voto de Pesar n.º 2/XI/2026